

POR QUE MORREU SHEILA?

(Versão 1 - Dissecando Sheila)

Sheila morta. Sheila nua. Olhares concupiscentes sobre o desnudo corpo jovem de 20 e poucos anos. Arredondados seios rígidos. O volume pubiano triangularmente delineado sob encaracolados pêlos (recém-depilados nas virilhas). O corte vulvar e os lábios vaginais despontando sem pudor para a masculina roda/assistência/policial/jornalística.

Espocam nervosos flashes antes que o cadáver seja tapado por um lençol, deixando no ar a visão de um belo e sereno rosto, os longos e ondulados cabelos claros escorrendo até os ombros.

Local: motel *Paradise*, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Data: 17/7/1975.

(Diálogo do Delegado de Polícia com o funcionário da portaria do motel):

- Que horas ela chegou aqui e com quem?
- O senhor sabe que aqui a gente não se liga muito nas pessoas. O apartamento foi ocupado ali pelas 11 da noite.
- Você notou alguma coisa diferente quando eles chegaram?
- Não. Um casal igual a qualquer outro.
- Não deu pra reparar a aparência do casal?
- Ele era um sujeito de uns 40 e poucos anos. Mas não notei muito, não. Dela, só deu pra ver que tinha os cabelos compridos.
- Qual era a marca do carro?
- Um Opala escuro. Não me lembro da cor.
- E o número da placa?
- Não deu pra ver.
- Vocês não sabem que é obrigado anotar as placas dos automóveis que chegam aqui?
- Saber a gente sabe, mas o senhor compreende, na hora do sufoco nem sempre dá pra marcar.
- E a hora que ele saiu?
- Aí notei que o cara estava meio apressado. Parou o carro, pagou a conta e se mandou.
- Com cheque ou *cash*?
- Grana viva. Mas isso também é normal. Se o cara é casado e ocupa alguma posição importante, não solta cheque, pra não dar bandeira.
- E não deu pra perceber que ela não estava no carro?
- Não. O movimento estava grande naquele horário.

- E quanto tempo ele ficou no quarto?
- Menos de uma hora.
- E as pessoas nos quartos próximos, não ouviram nada, nenhuma discussão, nenhum barulho?
- Não, ninguém ouviu nada, a não ser o grito da moça da limpeza, quando ela descobriu o corpo morto.
- Quanto tempo depois que ele saiu?
- Uns quinze minutos.

(Papo telefônico de um repórter de jornal com o seu editor):

- Reserva espaço grande na edição de amanhã. É assunto quente.

- Como é que foi o lance?

- Ninguém sabe direito ainda. A moça apareceu morta no quarto do motel na madrugada de hoje. O sujeito que estava com ela já tinha tirado o time.

- E quem era ela?

- Até agora só deu para apurar que o seu nome era Sheila Wagner, modelo, e que morava na Prado Júnior, Copacabana.

- Já deu pra saber como ela morreu? Chegou a haver violência?

- Não. Não teve violência nenhuma. Ela parecia tranqüila como um anjo. A polícia está desconfiada de uma overdose de cocaína com álcool.

- Então tinha tóxico na parada?

- Até agora é só suposição. Não foi encontrado nada.

- Quantos anos ela tinha?

- Uns 25. Um avião de mulher.

- Você chegou a vê-la?

- E nuazinha em pêlo, uma beleza de peça, na flor da força.

- E agora, o que está acontecendo?

- Acho que estão esperando algum tira graúdo pra removerem o corpo. Como estava dando muito rolo proibiram a entrada de repórteres. Mas reserva o espaço porque esta história ainda vai longe.

- Tudo bem. Mas dá um jeito de aprontar o texto até as quatro da tarde. Depois vamos enxertando o que pintar até o fechamento da edição.

- Deixa comigo.

(Diálogo dos médicos legistas):

- Moça bonita, hein?

- É. Não deve ter mais de 25 anos. Uma lástima morrer assim tão cedo.

- A sua fisionomia não me é estranha. Acho que já vi o seu rosto por aí, em revista ou televisão.

- Pode ser. Disseram que ela era modelo e aparecia em comerciais da TV.

- Então é isso.

- Vamos abrir?

- É o jeito, né.

(Dois anos antes):

Sheila *viva* num sumarássimo biquíni despertando olhares e piadas obscenas ao se dirigir para a praia, nas proximidades da rua Montenegro, Ipanema.

(Diálogo entre um conhecido fotógrafo de revista semanal e um praieiro):

- Que mulher gostosa. Sabe quem é?

- Tenho visto ela quase todas as manhãs por aqui. É realmente muito boa e faz um charme danado. Deve ser modelo, atriz, ou coisa parecida.

- Vamos tentar uma aproximação. Não seria nada mal jogá-la numa cama.

- Ela não tem cara de ser fácil.

- Não existe mulher difícil. Existe é mulher mal cantada. Não sei quem disse isso, mas concordo plenamente.

(Diálogo entre o repórter e o delegado):

- Alguma pista, delegado?

- Nada ainda.

- E já encontraram o cara?

- Ainda não.

- E impressões digitais?

- Devidamente apagadas. O cara é esperto.

- Tem algum suspeito?

- Cinco. E parece que tem até um político no lance. Mas não é pra ser publicado nada ainda, sacou?

- Tudo bem.

(Opiniões sobre Sheila):

“Meu Deus, não é possível. Ela era tão meiga, tão boazinha.”
(Da sua faxineira.)

“Com a vida que ela estava levando só podia acabar assim mesmo.” (Da vizinha do andar de cima.)

“Ela foi minha colega num curso de danças e sempre me pareceu muito equilibrada, com a cabeça no lugar.” (De uma colega.)

“Olha aí, meu chapa. Eu conhecia a moça assim muito ligeiramente. A gente só se cruzou pra valer umas duas ou três vezes. Era uma pessoa legal, mas muito sonhadora.” (De um companheiro de bar.)

(Diálogo entre o diretor do jornal e o editor-chefe):

- Você já recebeu o material sobre a morte da moça no motel da Barra da Tijuca?

- O repórter está pra chegar. Mas já tenho algumas informações.

- Não é pra dar nada ainda.

- Por quê?

- Os homens meteram o bico.

- Mas a censura não acabou?

- Tá abrandada, como eles dizem. Mas nesse caso aí parece que tem um deputado na parada.

- Mas poderíamos, ao menos, tentar descobrir quem é o figurão. Se conseguíssemos dar em primeira mão seria um tremendo furo e iria vender jornal pra cacete.

- Sei disso. Mas tem muita coisa em jogo aí. O cara pertence à Arena, partido dos milicos, e é ligado ao Geisel. São ordens superiores e ainda vivemos numa ditadura. Não se discute mais isto.

- É uma pena, porque iria dar uma matéria e tanto.

- Eu sei. Mas ninguém vai dar e não tenho vocação pra Woodward, nem esta merda aqui é o Washington Post.

(Do Depoimento de D. Aurora Maria de Azevedo, de origem portuguesa, que alugara um quarto para Sheila, logo que ela chegou ao Rio, no seu apartamento localizado no Edifício Princesa Isabel, sétimo andar, na Avenida do mesmo nome, em Copacabana, proximidades do túnel novo):

“Logo depois que o meu marido morreu botei um anúncio nos jornais oferecendo um dos meus quartos para alugar, pois para mim de nada servia. Além de conseguir com isso uns trocados a mais, que nestes tempos difíceis de hoje são sempre bem-vindos. Mas deixei bem claro que só o alugaria para moças de boas famílias e bem educadas. Apareceram diversas pessoas que não me agradaram. Então, num domingo de manhã, alguém tocou a campainha, abri a porta e era Sheila. Trajava uma calça *jeans* e mesmo sem pintura nenhuma me pareceu muito bonita. Possuía um jeito delicado que logo me agradou. Olhou tudo com calma e depois foi à janela, e indagou se daqui dava pra ver o mar. Eu disse que sim, mas de longe. Então combinamos o preço e aceitei que ela viesse morar aqui, desde que cumprisse com as normas por mim estabelecidas. E nos entendemos bem. Ela era muito ordeira e respeitadora. Nunca trouxe ninguém para cá. A sua vida particular fora daqui não me interessava.”

(Diálogo entre duas policiais que estão vestindo Sheila e preparando-a para o funeral):

- Veja só, tão jovem e tão bonita e já morta.
- E parece que até agora ninguém sabe direito quem era ela.
- Mas como, não tinha família?
- Ela era de um estado do sul e ninguém consegue localizar a sua família.
- E os seus documentos?
- Tudo falso.
- E agora?
- Ainda bem que o apartamento onde ela morava foi localizado e uma vizinha identificou o corpo. Senão ia ficar na geladeira por um bom tempo.
- E quem é que trouxe as roupas?
- Os próprios detetives que estiveram lá.
- Ela já está meio rígida. Vamos vesti-la de uma vez.
- Vamos.

(Um ano antes):

Sheila viva tornando-se foco das atenções pela beleza e elegante porte num desfile de moda no Copacabana Palace.

(Diálogo entre um renomado publicitário e um colunista social, organizador do desfile):

- Quem é aquela moça?
- Só sei que o seu nome é Sheila. Quem me indicou foi o diretor de uma agência de modelos.
- Muito bonita e com personalidade.
- Sem dúvida. Quer conhecê-la?
- Sim. Acho que tenho um trabalho para ela.
- Vou dizer pra ela lhe procurar.

(Do depoimento de um ex-namorado):

“Ela nunca quis me falar muito de suas origens. Dizia que pertencia a uma família classe média de Santa Catarina, mas nunca me falou de qual cidade. Veio para o Rio porque não agüentava viver mais naquela ambiente sufocante, onde a grande meta das garotas é casar com um homem rico.”

(Do inquérito policial):

“ ... que o fotógrafo Paulo Duarte, inquirido sobre o seu relacionamento com a vítima, declarou que a conhecia há cerca de dois anos e que com ela fizera diversos trabalhos fotográficos; que ele conseguiu que fossem publicadas diversas fotos dela na revista Evidência, na qual ele trabalha, e em outras publicações; que a auxiliou também a entrar em contato com pessoas ligadas ao mundo da moda, TV e cinema; que se relacionaram sexualmente algumas vezes, mas que, com as diferentes atividades de cada um, acabaram separando-se; que, ultimamente, viam-se só uma vez ou outra...”

(Do depoimento de um diretor de agência de modelos):

“Ela era muito graciosa e fotogênica. Logo que chegou, chamou a atenção, pois desfilava e fotografava com muita classe. Dizia não querer se amarrar em ninguém. A carreira ficava acima de tudo. Pensava também em ser atriz de cinema e TV.”

(Diálogo entre o repórter e o delegado) (II):

- O senhor não me disse que eram cinco suspeitos?
- Era extra-oficial e lhe falei *off records*. Tínhamos recebido uma informação falsa.
- Com quem ela estava então?

- Há quatro suspeitos. Um fotógrafo, um publicitário e um marginalzinho de Copacabana, caras com quem ela andou saindo nos últimos tempos, e um ex-namorado, com quem ela manteve um romance tumultuado.

- E no momento? Ela não tinha nenhum namorado, ou algum gigolô que a explorasse, boazuda como era?

- Parece que não. Ela só teve dois namorados fixos depois que veio para o Rio, há cerca de três anos. Mas não era piranha. Pelo que já investigamos só dava pra quem queria.

(Do depoimento do marginal):

“... espera aí, doutor, não é porque me chamam de Beto Boa Boca que eu seja bandido, não. A vida é que tem me botado numas frias. Profissão? A gente vai se virando como pode, né, vendendo umas coisinhas aqui, fazendo uns servicinhos ali. Agora, este papo que eu transo com tóxicos e que sou passador, etc., é tudo mentira, ninguém nunca me pegou com nada em cima. E não tenho nada a ver com a morte da Sheila. Conhecia a gata há pouco tempo e foi só por acaso que eu me cruzei com ela naquela noite. Tomamos umas biritas num bar do Posto 6 e depois ela me disse que tinha um compromisso importante que poderia mudar a sua vida. Mas não me disse que compromisso era esse, nem com quem ia sair. Também não me interessei em saber.”

(Do inquérito policial):

“... que o publicitário Cláudio Salles, diretor da agência *Magna*, declarou que conheceu Sheila por intermédio de um amigo e considerou-a perfeita para uma campanha publicitária na televisão na qual a modelo deveria fazer uma imitação da atriz norte-americana Rita Hayworth; que para tratar de assuntos relacionados ao trabalho levou-a para jantar algumas vezes; indagado sobre o tipo de relacionamento que manteve com a vítima afirmou que foram apenas contatos esporádicos e profissionais e que não se encontrava com ela desde que o trabalho foi encerrado há alguns meses.”

(Do depoimento de Maristela, sua colega de apartamento):

“Nos conhecemos na agência de modelos e logo nos demos bem. Passamos a sair juntas até que resolvemos dividir um apartamento na Prado Júnior, Copacabana. No início correu tudo às mil maravilhas, mas depois de alguns meses começamos a nos desentender e a discutir muito. Ela era muito certinha e me chamava de bagunceira. E me contou uma

história meio estranha: dizia que vinha de uma família rica de Santa Catarina - com quem ela não agüentava mais viver - e que falava diversos idiomas. Nunca acreditei nessa história. Me dizia também que tinha um protetor, um político de Santa Catarina, com quem já se relacionara por lá, e com quem saía às vezes quando ele vinha ao Rio. E através do prestígio dele pretendia dar vôos mais altos, como fazer cinema ou televisão. Mas o nosso convívio tornou-se insuportável. Depois de uma briga feia, com xingamento e tudo, resolvi voltar a morar com os meus pais em Niterói. Mesmo assim combinei com ela que continuaria a dividir o apartamento, até que se esgotasse o prazo do contrato. Fazia seis meses que não nos víamos.”

(Do relatório da necrópsia):

“Foi observada a presença de sêmen na vagina da vítima. Testes toxicológicos demonstraram que ela tinha um teor de álcool no sangue de 0,8 por cento, assim também como se constatou a existência de cocaína e éter em seu organismo, mas numa proporção que não causaria uma overdose.”

Sheila morta no velório deitada no caixão sob o aroma e a envoltória de flores fúnebres, o semblante sereno e um tênue esgar nos lábios, assemelhando-se a um irônico sorriso.

(Pergunta de D. Aurora ao padre que acabara de encomendar o corpo, para uma assistência de não mais de dez pessoas):

- Será que ela foi para o céu?

Causa mortis: envenenamento por substância letal injetada na corrente sangüínea.

Nenhum suspeito foi levado a julgamento por falta de provas.

Seis meses depois o caso foi arquivado na Divisão de Inquéritos Não Resolvidos.

POR QUE MORREU SHEILA

(Versão 2 - Remontando Sheila)

1

No mesmo dia em que os jornais, as rádios e as emissoras de TV divulgaram com estardalhaço a notícia do assassinato de Sheila Wagner, fui chamado por Lindolfo Barros, diretor de redação da revista *Evidência*, prestigiosa publicação semanal na qual eu trabalhava, que me passou a seguinte incumbência:

- Quero que você faça uma matéria com um enfoque completamente diferente do que os jornais vão publicar, pois eles seguem sempre a versão da polícia. Vamos fazer uma investigação paralela, mesmo se precisarmos de alguns meses para isso.

- Você sabe que a reportagem policial não é a minha especialidade - argumentei, já prevendo que o tema era espinhoso e aporrinhativo.

- Não queira tirar o corpo fora - disse Barros com o seu carregado sotaque carioca, o habitual cachimbo pendendo dos lábios e o ar de galã de meia-idade que lembrava o ator francês Michel Piccoli.

E reforçou:

- Escute aqui, Ricardo Cabral, você é um dos nossos melhores repórteres especiais e pode muito bem realizar um bom trabalho. O tema é quente e envolve gente importante. Além do mais, o fato de você também ser catarinense, como ela, vai lhe facilitar a pesquisa. Parece que tem um deputado federal de lá envolvido no caso.

A partir daí, Sheila entrou na minha vida, apesar de já estar morta.

Durante alguns meses vasculhei a sua biografia, entrevistando e conversando com pessoas que a conheceram de perto, não só no Rio como também em Santa Catarina, inclusive em sua cidade natal, Timbó, localizada no Vale do Itajaí, próximo a Blumenau, ao mesmo tempo em que corria o inquérito policial. Mas, apesar de muita investigação e inúmeros depoimentos, ninguém foi incriminado pelo assassinato de Sheila Wagner, cujo verdadeiro nome, aliás, era Ilse Schmidt.

Os fatos são bem conhecidos, pois foram explorados à exaustão pela mídia: Sheila Wagner, modelo com pretensões a ser atriz, apareceu morta num quarto do motel *Paradise*, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, madrugada do dia 7 de julho de 1975. O seu acompanhante fugira sem ser identificado. A polícia chegou à conclusão que ela morrerá devido a uma substância letal injetada na corrente sanguínea. Durante algumas semanas a história rendeu muito espaço nos jornais. Depois entrou no limbo, conforme se diz no jargão jornalístico.

Como foi amplamente divulgado pelos veículos comunicação, ela era uma jovem catarinense em busca de um lugar ao sol no mundo da moda e dos espetáculos. Mas é claro que como sempre acontece com qualquer mulher bela e que exiba forte personalidade, a visão que as pessoas tinham dela era a mais variada e contraditória possível. Para uns, Sheila era dócil e encantadora; para outros, arrogante e aproveitadora. Certos amigos destacavam sua inteligência e espirituosidade, enquanto opiniões contrárias garantiam ser ela fútil e limitada. O que ninguém contestava eram sua beleza e magnetismo. Com seios firmes e pontudos, alta, loura, olhos cinza-esverdeados, pernas longas, coxas bem feitas, nádegas redondas e em pé, Sheila pontificava como uma deusa nos ambientes em que circulava. Isto é: em refinados desfiles de moda, ou em coquetéis, boates, bares e restaurantes. E também em certos locais ditos “da pesada” e (principalmente): na praia. As suas preferidas eram a do Leme e Ipanema, na altura do recém-inaugurado hotel Sol-Ipanema, o point da moda, onde Sheila despertava a atenção em meio às mais deslumbrantes mulheres cariocas da época.

Mas suas origens também eram nebulosas. Havia quem dissesse que ela pertencia a uma família rica e poderosa, ao passo que diferentes versões apresentavam-na como filha de um casal de operários do ramo têxtil de Santa Catarina. A verdade estava no meio-termo: seu pai - proprietário de um armazém de secos e molhados - era descendente de colonos alemães, da mesma forma que a sua mãe. A família, com mais cinco filhos, entre moças e rapazes, possuía um modesto, mas satisfatório padrão de vida.

Sheila, desde criança, impressionou pela beleza incomum. E venceu inúmeros concursos de robustez infantil, com suas bochechas

rosadas e cabelos louros encaracolados. Já adolescente, foi trabalhar numa loja de confecções em Blumenau, passando também a chamar a atenção pela sua tez colorida e plástica perfeita. Com 18 anos foi escolhida a Rainha da Praia, no Balneário Camboriú, período em que passou a ser constantemente assediada por sedutores jovens bem-nascidos do Vale do Itajaí. E foi lá que recebeu um convite para ser modelo em Curitiba, cidade onde viveu por dois anos. Depois disso, foi tentar a sorte no Rio. E como seus pais fossem contra a sua ida para a tumultuada metrópole carioca, passou a apresentar-se como Sheila Wagner. Tinha 22 anos de idade.

2

Existem pessoas que garantem que o envolvimento de Sheila com o político Roberto Meyer teve início ainda em Camboriú. E que a sua ida para Curitiba e depois para o Rio foi apadrinhada por ele. Mas há controvérsias quanto a este ponto. O fato é que eles continuaram mantendo um incomum relacionamento durante todo esse tempo. Ele era um tipo elegante, trajando sempre bem cortados ternos, altura mediana, cabelos castanhos, fixados com brilhantina, ostentando um constante sorriso nos lábios, como convém a um político em ascensão. Com vocação oratória, voz empostada e raciocínio rápido, ingressar na carreira pública para ele foi um processo tão natural quanto a correnteza de um rio. Aos 30 e poucos anos de idade, elegeu-se deputado estadual pelo PSD. Mas não teve o menor escrúpulo em ingressar na Arena, partido criado sob a inspiração militar, depois que os outros partidos foram extintos no Governo Castelo Branco. No período em que Sheila transferiu-se para o Rio, Roberto Meyer exercia uma importante função pública em Santa Catarina. Algum tempo depois, elegeu-se deputado federal.

Mas não foi possível descobrir se Meyer exercia algum tipo de proteção a Sheila nessa época, pois, pelo que tudo indica, ela foi galgando novas posições na carreira de modelo pelo seu próprio talento, beleza e esforço. Isso num meio onde a concorrência é acirrada e quase selvagem. Optou também por morar sozinha num quarto alugado na Avenida Princesa Isabel e depois dividiu um apartamento com uma amiga na rua Prado Júnior. Nos últimos tempos voltou a viver só. E passou por diversos relacionamentos amorosos nos três anos em que viveu no Rio.

O primeiro foi com um ator corpulento e canastrão, descendente de italianos, chamado Tony Del Pizzo, mais valorizado pelo bíceps do que pelo talento dramático. Violento e possessivo, seu temperamento logo se chocou com o espírito livre e independente de Sheila. Suas discussões e brigas em locais públicos tornaram-se famosas. Separaram-se depois de alguns meses, num clima de ódio mútuo e mortal.

O caso seguinte foi com o fotógrafo Paulo Duarte, carioca zona norte, que subira na vida por conta própria. Moreno e bem-apegoado, além de ser extrovertido e falante, exercia irresistível encanto às mulheres, especialmente quando estava com a sua Pentax a tiracolo. Ele conheceu Sheila na praia de Ipanema, e, impressionado com a plástica e beleza européia da jovem, logo a convidou para uma sessão de fotos. Naquela mesma noite já estavam envoltos em lençóis e iniciavam uma ligação também um tanto tumultuada. Fotógrafo da mesma publicação semanal na qual eu trabalhava - além de possuir um concorrido estúdio -, Duarte conseguiu a publicação de várias fotos de Sheila nas multicoloridas páginas da revista, culminando com a própria capa.

Nessa ocasião, ele levou-a a sede da *Evidência*. Lembro-me que, de repente, percebi certa movimentação não muito comum na redação e deparei-me, então, com a sua magnetizante presença deixando uma trilha perfumada por onde passasse. Duarte nos apresentou - sendo realçado o detalhe de eu ser também um catarinense no Rio - e ela me brindou com um sorriso vago e um sussurrante “muito prazer”. Irradiava sensualidade por todos os poros e possuía uma voz rouca e bem modulada, com um leve sotaque germânico. Depois, o fotógrafo levou-a até a sala de Lindolfo Barros que, daí em diante, monopolizou-a. E passou a circular com ela de um lado para outro, mostrando os diversos setores e departamentos da revista. No restaurante, na hora do almoço - quando ela mais sorriu do que falou - Barros sentou-se ao seu lado, esmerando-se em atenções. Ele possuía fama de sedutor e más línguas apregoavam que para uma garota ser a “moça da capa” era condição *sine qua non* passar antes pela sua cama. Nunca cheguei a descobrir se isso era mesmo verdade e se aconteceu também com Sheila. Naquela tarde, ela dedicou-se a diversas sessões fotográficas e, depois disso, não mais a encontrei.

De acordo com algumas opiniões, Paulo Duarte foi o único sujeito por quem Sheila realmente se apaixonou. Certa vez ela surpreendeu-o com outra mulher no seu estúdio e causou o maior escândalo, destruindo boa parte do equipamento lá instalado. Além do mais, diante da inconstância do fotógrafo (que, na verdade, nunca quis assumir um namoro oficial), Sheila armou outras cenas violentas de ciúme em público. E, para livrar-se do tempestuoso temperamento de Sheila (pelo menos com ele), teve de convencer os seus superiores a enviá-lo numa longa viagem de serviço pelo interior brasileiro.

Outro notório envolvimento de Sheila foi com o publicitário Cláudio Salles. Figura alta e empertigada - com a fisionomia fria como a de um falcão - poderia ser charmoso ou tirânico, de acordo com as situações com as quais se defrontasse. Seus cabelos ainda fartos e prateados lhe davam um ar de respeitabilidade, mas o físico bem cuidado - jogava tênis três vezes por semana e fazia questão de manter-se em forma -

demonstrava que ele ainda era um vigoroso homem que não aparentava os seus quase cinqüenta anos. Bem-sucedido com a sua empresa publicitária, a *Magna* - criada durante o ufanista “milagre brasileiro” -, depois de trabalhar durante diversos anos como contato de publicidade em rádios e jornais, mantinha um excelente relacionamento com os poderes estabelecidos. Mesmo casado com uma conhecida colunável (o casal aparecia sempre sorridente em páginas sociais), Salles era famoso também por suas conquistas amorosas, que não costumavam durar muito. Mas por Sheila ele apaixonou-se perdidamente. Ela, entretanto, apesar de parecer gostar de sua companhia, não partilhava do mesmo sentimento. Comentava-se, à boca pequena, que ele roia-se de ciúme quando tomava conhecimento dos *affaires* de Sheila, especialmente com Paulo Duarte, ou quando descobria que ela saía com Roberto Meyer, numa das suas costumeiras vindas ao Rio.

Apesar desses fatos, Cláudio Salles foi apenas superficialmente investigado pela polícia. Além de ser um homem muito relacionado, apresentou um fortíssimo álibi para a noite da morte de Sheila: estava em São Paulo.

Já Roberto Meyer nem chegou a ser mencionado no inquérito policial, enquanto que os outros dois ex-namorados também apresentaram álibis consistentes: foram vistos em lugares públicos no momento em que Sheila entrou acompanhada no motel, o que foi confirmado por diversas pessoas. Um marginal de Copacabana, passador de tóxicos, conhecido como Beto Boa Boca, foi também arrolado como suspeito - pois estivera com ela horas antes de sua morte -, mas conseguiu se safar.

No meu levantamento jornalístico sobre a vida de Sheila, consegui ouvir o depoimento de três dos suspeitos: o ator, o fotógrafo e o marginal. Já Roberto Meyer recusou-se a prestar qualquer declaração - “Sem comentários” -, esbravejou ele, desligando o telefone com fúria -, enquanto que Cláudio Salles fazia de sua bela secretária uma intransponível barreira para uma possível entrevista.

3

O detetive particular Túlio Cardoso possuía, nessa época, um pequeno escritório num prédio velho localizado na rua da Carioca. Era um tipo atarracado e suarento, cabeça grande e cabelos ralos, sempre com o traje amarfanhado e a gravata escorrida. Trabalhava com uma velha secretária num ambiente enfumaçado e atulhado de armários e pastas. A sua mesa era um amontoado de papéis, telefones e coisas espalhadas. Fui procurá-lo depois que o inquérito policial já havia sido arquivado, sem que fosse descoberto o assassino.

- É um caso bastante complicado - observou Cardoso com a sua voz cavernosa. - Ela estava envolvida com gente graúda, como você deve saber.

- Sim.

- Aliás, o deputado catarinense, devido às suas imunidades parlamentares, nem chegou a aparecer no inquérito, apesar de ser fato sabido o seu envolvimento com ela.

- Também sei disso.

- E o cara que a apagou foi também bastante esperto. Não deixou nenhuma pista.

Com a aquiescência de Lindolfo Barros, contratei Cardoso (sigilosamente) para reinvestigar o caso.

- Vou ver o que consigo apurar - disse o detetive.

Duas semanas depois, ele me procurou trazendo um minucioso levantamento sobre o último dia da vida de Sheila, cujos pontos mais importantes relato, em seguida, utilizando-me de algumas licenças literárias como fazem os ficcionistas.

Era uma quinta-feira ensolarada e amena. Sheila deixou o seu prédio por volta das 11 horas da manhã com trajes esportivos e sumários (despertando, como de praxe, muitos olhares). Tomou um suco de laranja, num botequim de esquina, e dirigiu-se depois à praia onde ficou cerca de uma hora e meia. Fez, em seguida, uma refeição rápida no restaurante *El Cid*, próximo do local onde morava.

Retornando ao seu apartamento, recebeu um telefonema de Roberto Meyer.

- Alô, Sheila. Cheguei hoje ao Rio e tenho ótimas notícias para você.

- Quais são? - indagou Sheila com a voz aflita.

- Vamos nos ver hoje e então lhe digo. Pelo telefone não tem graça.

- Será então uma comemoração?

- Sem dúvida.

Eles marcaram um encontro às dez horas da noite no *Garden*, um discreto bar localizado no Jardim de Alah, entre Ipanema e Leblon. Roberto Meyer evitava encontrar-se com Sheila em lugares badalados, especialmente aqueles freqüentados por políticos e colunistas.

O resto do dia ela dedicou-se a afazeres rotineiros - já que não tinha nenhum compromisso profissional agendado. Tratou também de embelezar-se para o seu compromisso noturno e foi a uma cabeleireira.

Ao cair da noite, encontrou-se, num bar da Galeria Alaska, Posto 6, com Beto Boa Boca, conhecido traficante da zona sul, pois, segundo disse para ele, sentiu necessidade de aspirar aquele cristalino

pozinho branco que a deixava lúcida e reluzente como uma estrela. Na verdade, ela só utilizava-o em ocasiões especiais, não sendo, portanto, uma usuária contumaz. Depois de alguns chopes, ela voltou de táxi ao seu apartamento.

Pouco antes das 22 horas, Sheilla recebeu um telefonema. E uma voz feminina no outro lado, disse-lhe:

- Preciso falar com você. É urgentíssimo.

- Agora?

- Sim.

- Impossível. Tenho um encontro e já estou atrasada.

- Onde é?

- No bar *Garden*, em Ipanema.

- Não tem problema. Estou de carro e lhe deixo lá. Você já está pronta?

- Quase. Mas por que esta urgência?

- Depois eu explico. Daqui a quinze minutos lhe espero na frente do seu prédio.

- Tá legal. Mas não posso faltar ao meu compromisso, hein?

- Não se preocupe. O que tenho a lhe dizer é coisa rápida.

Pouco tempo depois, ela saiu do edifício onde morava, o que foi confirmado pelo zelador, que se encontrava na portaria. Depois disso não foi vista mais com vida. A não ser pela mulher que lhe telefonara e pelo homem que a levou ao motel. Mas quem seriam eles? E teria ela se encontrado antes com Roberto Meyer? Cardoso ainda não tinha as respostas.

4

Mas, na verdade, o detetive já sabia muito mais a respeito de Sheila do que então eu imaginava. Seis meses antes (como depois ele me contaria) recebera em seu escritório a visita de uma jovem morena e atraente dizendo querer contratá-lo para um trabalho. Mas não quis dar o seu nome, nem de quem o estava contratando. Cardoso disse que aceitava desde que recebesse adiantada a metade do seu pagamento. Ela concordou. O trabalho era investigar Sheila.

Passado um mês, Cardoso apresentou à cliente um completo relatório sobre Sheila, contendo, inclusive, diversas conversas telefônicas grampeadas. Ela pagou e solicitou que o serviço prosseguisse por mais dois ou três meses, adiantando a metade dos honorários, como fizera na vez anterior. Mas não apareceu mais. E ele não chegou a descobrir quem era ela.

Então, numa tarde, Túlio Cardoso me telefonou:

- Descobri mais algumas coisas interessantes. Venha até o meu escritório.

Chegando lá, ele me disse:

- Fui dar uma remexida em meus arquivos e veja só o que encontrei.

- O quê?

- Uma conversa muito significativa entre Sheila e Cláudio Salles.

E colocando a fita no gravador, disse:

- Escute:

“- Sheila?

- Sim.

- É o Cláudio.

- O que você quer?

- Por que você tem me evitado?

- Não temos mais nada a conversar.

- Como não temos? Você sabe que eu continuo apaixonado por você.

- A sua paixão é muito obsessiva e me sufoca.

- Estou disposto a me reabilitar, a agir diferente a partir de agora. Não agüento mais a sua falta.

- Você já disse isso outras vezes.

- Mas agora é pra valer. Peça o que quiser, que eu topo.

- Eu já lhe falei que acima de tudo está a minha carreira.

- Sei disso. E estou disposto a ajudá-la.

- De que jeito? Você é uma pessoa cheia de afazeres e compromissos. Além do mais, é casado.

- Você sabe muito bem que ando farto deste casamento, que é só de fachada.

- Isso você já me disse há meses. E continua tudo na mesma.

- Mas agora é verdade. Se você prometer ficar comigo eu me separo e vamos viver juntos. E, sendo seu empresário, posso transformá-la numa das mulheres mais famosas do Brasil.

- Não posso tomar uma decisão desta importância de uma hora pra outra.

- Diga, pelo menos, que vai pensar na minha proposta.

- Tá bem. Vou pensar. Agora preciso me arrumar porque vou a um desfile.

- Quando você vai me procurar?

- Quando der. Tchau.”

Depois que o detetive desligou o gravador, indaguei:

- De quando é esse telefonema?

- Dois meses antes que ela morresse.

- Qual a conclusão que você tira dessa conversa? Será que Cláudio Salles, despeitado pela recusa, contratou alguém para assassiná-la?

- Não acredito nisso. Ele estava completamente apaixonado pela gata e poderia até matá-la num momento de loucura. Mas não planejava. Ocorre que outras pessoas também ouviram esta fita e estou farejando algo no ar.

5

Alguns dias mais tarde - pouco antes do meio-dia - eu e Cardoso tomávamos um chope no bar Amarelinho, na Cinelândia, quando uma bela morena atravessando a rua nos chamou a atenção. Depois de contemplá-la por alguns minutos, o detetive quase deu um salto na cadeira.

- É ela! - exclamou excitado.

- Quem? - perguntei.

- A mulher que me contratou para investigar Sheila.

Observei-a durante algum tempo, parada, aguardando a mudança dos sinais luminosos, e também a reconheci.

- Pois ela é a secretária de Cláudio Salles.

- Tem certeza? - indagou Cardoso.

- Absoluta - afirmei. - Ela é um tipo de mulher que não se esquece tão facilmente assim.

- As coisas estão começando a clarear - garantiu o detetive.

Naquela mesma tarde, ele telefonou para a *Magna* e quando a secretária de Cláudio Salles lhe comunicou que o seu patrão nada mais tinha a falar com detetives, foi como se uma lâmpada se acendesse em sua mente e ele obteve a certeza do que já vinha desconfiando: era a mesma voz que falara com Sheila na sua última noite de vida. E as peças do quebra-cabeças começaram a se armar.

Para um detetive escolado como Cardoso, não foi difícil descobrir a rotina diária da atraente secretária. Seguiu-a um dia na hora do almoço e, quando ela já estava servindo-se, ele sentou-se à sua frente. Ela encarou-o e empalideceu, denotando o erro que cometera: por suas próprias determinações, Cardoso continuou grampeando o telefone de Sheila até a noite fatal.

Seu nome era Marisa Arruda, secretária de Cláudio Salles, e também sua amante por um bom tempo. A situação, então, era cômoda, pois ela não tinha pretensões de tomar o lugar de Eunice, a esposa efetiva,

ainda elegante e em boa forma nos seus quarenta e poucos anos. Eunice pertencia a uma tradicional, mas falida família carioca. Graças ao marido, porém, podia continuar mantendo um altíssimo padrão de vida e era presença constante nas principais colunas sociais do Rio, com direito a alguns *boy-friends*, conforme fofocas que circulavam nas altas rodas. Assim, Marisa contentava-se em ser a segunda, aceitando ainda o fato de Salles ser um consumado Dom Juan. Até que surgiu Sheila.

No início, Marisa não deu muita importância ao que deveria ser mais um caso erótico fortuito do patrão. Mas começou a se preocupar quando ele passou a evitá-la. Além do mais, interceptara um telefonema no qual Cláudio Salles, com voz melosa, fazia juras de amor a Sheila. Depois disso, Marisa engendrou um plano arriscado, mas que então lhe pareceu infalível: relatar a Eunice o que estava acontecendo.

Decidiram, então, contratar o detetive particular Túlio Cardoso para saber em que ponto estava o envolvimento de Cláudio Salles com Sheila. E quando Eunice escutou a conversa grampeada, na qual o marido mostrava o desejo de se unir a Sheila, seus olhos negros faiscaram e ela, naquele momento, tomou a drástica resolução: - “Essa mulher tem que ser afastada de Cláudio de qualquer maneira!”

Segundo Marisa confessou a Cardoso, a sua intenção inicial não era uma solução violenta. Mas Eunice tornou-se irredutível. Para ela não havia outra saída, pois Sheila, apesar das constantes recusas, acabaria, mais cedo ou mais tarde, enleada nas tentadoras ofertas do publicitário: - “Não há mulher que resista durante muito tempo à possibilidade de ficar rica” -, garantia Eunice, decerto com o próprio conhecimento de causa.

Ela planejou e financiou tudo, mas em nenhum momento apareceu ou colocou seu nome nas conversações, deixando isso a cargo de Marisa. Como as duas passaram a conhecer todos os hábitos, detalhes e envolvimento de Sheila, inclusive com Roberto Meyer, não foi difícil estabelecer um plano de ação. E surgiu uma data perfeita: 7 de julho de 1975. Nesse dia, Cláudio Salles viajaria para São Paulo, o que facilitaria as coisas, já que em nenhum momento ele poderia aparecer como suspeito. Na mesma data - conforme Marisa já havia se informado - Roberto Meyer estaria no Rio. Elas também já sabiam que os encontros entre Sheila e Meyer culminavam sempre no motel *Paradise*. E esse foi o local escolhido para o desfecho, com o claro propósito de envolver o político na trama.

Após deixar o seu apartamento, naquela noite, Sheila entrou no Opala cinza-azulado dirigido por Marisa. Trocaram algumas palavras triviais, Sheila mostrando-se ansiosa em saber o que Marisa queria com tanta urgência, quando um vulto emergiu do banco de trás, imobilizou-a e entorpeceu-a com um lenço embebido em éter.

Quarenta e cinco minutos depois, o Opala chegou ao *Paradise*, mas Marisa já não mais estava. O motorista solicitou na portaria um

apartamento de primeira classe e recebeu a chave do chalé número 23. No banco carona, Sheila, com a cabeça presa ao encosto, parecia dormir. Ele estacionou o veículo, em seguida, na garagem do chalé e trancou a porta.

Cerca de uma hora depois, uma camareira entrou no quarto. Ao deparar-se com Sheila deitada na cama, morta e nua, lançou ao ar um grito lancinante.

Então apresentei para Lindolfo Barros as conclusões que Túlio Cardoso me passara sobre a morte de Sheila. Ele me olhou estupefato e indagou:

- Temos elementos para provar tudo isso?

- Não - respondi, - porque Marisa, no mesmo dia em que confessou a sua participação no crime a Cardoso - já se mostrando, é claro, arrependida -, sumiu de circulação. Eunice Salles, por sua vez, encontra-se em viagem à Europa com o marido e não existe nada de concreto que a incrimine. E o executante - indicado por uma pessoa de confiança de Eunice - nem Marisa sabia quem era. Ele apresentou-se na missão com um disfarce. O carro era roubado e nunca mais foi encontrado.

- E as conversas grampeadas levantadas pelo detetive?

- Grampo não vale como prova. Além do mais, não fica bem que se espalhe por aí que contratamos um detetive particular para concluirmos uma reportagem.

Barros, depois de duas baforadas no seu cachimbo, encarou-me e ordenou:

- Arquive esta porra!

Adendo:

Na noite da morte de Sheila, Roberto Meyer aguardou-a até meia noite e meia no bar *Garden*. Depois, irritado com a demora, recolheu-se ao seu hotel no centro da cidade. Na manhã seguinte, informado por um assessor da trágica ocorrência, regressou às pressas ao seu estado. A boa notícia que ele iria dar a Sheila seria que a rede Globo pretendia contratá-la para o seu elenco de *starlets*. (1999)

*

(Conto publicado originalmente no livro “O Dia D de um Desempregado”, Editora Insular, 2000)